

DIÁRIO DE NOTÍCIAS		COMÉRCIO DO PORTO	
SÉCULO		DIÁRIO POPULAR	
JORNAL DO COMÉRCIO		DIÁRIO DE LISBOA	
PRIMEIRO DE JANEIRO		CAPITAL	
JORNAL DE NOTÍCIAS	18.001.1974	REPÚBLICA	

AVEIRO

FÁBRICA DE FORMOL JUNTO À RIA LEVANTOU RECEIOS DE POLUIÇÃO

Numa zona próxima da ria, na Gafanha da Nazaré, está a ser construída uma fábrica destinada à produção de formol-deído.

A natureza das substâncias que entram na respectiva composição fez levantar entre a população da Gafanha ressentimentos alicerçados em que o ambiente e as águas da ria poderão vir a ser poluídos, com toda a perigosidade daí resultante.

Tal facto levou um grupo de empresários de secagem de bacalhau, de lavradores e de pescadores da ria de Aveiro a pedir a intervenção da Câmara Municipal de Lhavo, no sentido de vir a efectuar um inquérito à instalação daquela unidade.

O nome do formol levou efectivamente muita gente a ficar intrigada, logo se gerando um movimento culminado por uma exposição que reuniu centenas de assinaturas de gafanhenses e em que se protestava contra a instalação da unidade, em construção adiantada.

Foi constituída uma comissão para tratar deste problema e quatro dos seus componentes — os srs. professor Fernando Martins Leopoldo Oliveira, Manuel Soares Sardo e Anselmo Rocha — para se inteirarem melhor da existência ou não de poluição, foram a Espanha, onde observaram a laboração de unidade do tipo referido concluindo que parece não haver motivo para receios.

«Embora não sejamos técnicos, concluímos da observação directa das plantas que circundavam a fábrica — milho, produtos hortícolas, vinha, árvores de frutos e outras — pela não existência de poluição. A única água canalizada para o rio era arrefecida e tratada» — sublinhou o sr. professor Fernando Martins, presidente da Junta de Freguesia da Gafanha da Nazaré que acrescentou:

«Nenhum propósito nos move contra a implanção da fábrica. Antes pelo contrário, é uma nova unidade que surge no nosso concelho, mas terão de acautelar-se os legítimos interesses e os haveres da população».

Contactando com o sr. eng.º Cardoso Borges, da «Breford», fomos esclarecidos de que a

unidade fabril será equipada com meios eficientes para neutralização de toda a poluição produzida.

«Nós asseguramos — afirmou — que não haverá poluição. No entanto, para salvaguardar melhor os interesses da população e evitar qualquer foco de contaminação que pudesse surgir, serão tratados por meio de equipamento adequado os efluentes. Nesta obra iremos investir cerca de 4 mil contos».

Esta unidade será a primeira a produzir no país o formaldeído, produto absorvido pela indústria química, estimando-se em 50 mil toneladas a produção anual e igual quantitativo de resinas destinadas ao fabrico de colas para aplicação na indústria de aglomerados de madeira e de cortiça.

O capital investido, cerca de 120 mil contos, será subscrito por entidades portuguesas e estrangeiras. Posta a pergunta a propósito, sobre se não se estará em presença de mais uma «multinacional» instalada no país, o sr. eng.º Cardoso Borges foi peremptório: «Não há nenhuma empresa estrangeira com maioria de capital». Sendo assim, acho que não poderá ser tomada como «multinacional». Além disso, o que iremos produzir destina-se ao mercado nacional, que nesta altura importa ainda todo o formaldeído de que necessita para a sua indústria. Por outro lado também não explorará a mão-de-obra barata, mas sim admitirá nos seus quadros 30 a 35 trabalhadores especializados e todos portugueses».

A entrada em laboração está prevista para o primeiro trimestre do próximo ano, ocupando a fábrica uma área de 60 mil metros quadrados.

Fundaç